



A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO SOBRE A BAIXADA FLUMINENSE COMO INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO INICIAL NOS CURSOS DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA E EM GEOGRAFIA DO IM/UFRRJ

Horrana Paula Santos de Almeida Pimentel¹
Jefferson Oliveira de Paula²
Clézio dos Santos³

RESUMO DO TRABALHO

Aprender a inovação pedagógica à produção de material didático é um desafio do processo educacional frente ao momento atual com a implementação de políticas educacionais curriculares nacionais. A inovação, relacionada à prática pedagógica do professor em formação é entendida como ruptura paradigmática, atitude que possibilita reconfigurar conhecimentos de modo a anular ou diminuir a distância estabelecida pela Ciência Moderna entre senso comum e conhecimento científico; objetivo/subjetivo; corpo/mente; cognição/afetividade. O objetivo principal é analisar e produzir material didático de geografia sobre a Baixada Fluminense no processo formativo de licenciandos em Pedagogia e Geografia do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. A metodologia é de cunho qualitativo. Analisa o conceito de inovação e prática docente, tendo como aporte teórico de autores que discutem essa temática e sobre o ensino de geografia no contexto da formação inicial docente. A pesquisa tem como base de realização o Laboratório Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão do IM/UFRRJ e os cursos de licenciatura em Pedagogia e em Geografia nas disciplinas de ensino de geografia da mesma instituição. Repensar a prática docente a partir da construção de material didático sobre a Baixada Fluminense é fundamental para uma formação de professores alicerçada em bases sólidas e comprometidas com a função social da Educação Pública, propiciando a construção de maquetes geográficas e a produção de fanzines dos bairros dos municípios da Baixada Fluminense.

Palavras-chave: Formação Docente, Ensino de Geografia, Baixada Fluminense, Material Didático.

¹ Bolsista voluntária do PIBID Alfabetização do IM/UFRRJ, Bolsista do PIBIC/CNPq, Graduanda no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ e pesquisadora do GEPEG/CNPq. hannahalmeida20@hotmail.com.

² Bolsista do PIBIC/CNPq, Graduando no Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ e pesquisador do GEPEG/CNPq. jeffersonoliveira37252@gmail.com.

³ Orientador – Prof. Dr. Associado em Ensino de Geografia, Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ e líder do GEPEG/CNPq. cleziogeo@yahoo.com.br.



➤ INTRODUÇÃO

A inovação, relacionada à prática pedagógica do professor em formação é entendida como ruptura paradigmática, atitude que possibilita reconfigurar conhecimentos de modo a anular ou diminuir a distância estabelecida pela Ciência Moderna entre senso comum e conhecimento científico; objetivo/subjetivo; corpo/mente; cognição/afetividade.

É importante contextualizar e apresentar novas práticas docentes, tendo em vista as diferenças existentes no processo de aprendizagem na educação básica e na relação entre teoria-prática na docência.

Por isso, atualmente é de suma importância que os professores proporcionem práticas pedagógicas mais atraentes e interativas, que façam com que os alunos despertem uma vontade maior de aprender e torne o ensino mais atrativo com tal forma de ensino.

“Deste modo, fazer por um caminho mais inovador, compreensível e sempre dando vez ao alunado, possibilita um novo olhar de ensino mais inclusivo, crítico e formador, onde possamos almejar formação mais cidadã mais ativa de seus direitos.” (AGUIAR, 2019, p.49)

Historicamente a formação do aluno tem seguido uma linha mais conservadora em relação a educação, que coloca ao professor o papel de transmissor de conhecimento e conteúdo, enquanto o aluno assume o lugar de receptor. Porém, ao mesmo tempo em que isso acontece, também é vista uma grande busca por novas metodologias e tecnologias que ajudem o processo de aprendizagem.

É imprescindível também haver uma diversidade nos métodos de ministrar aulas, para que cada discente se enquadre num método melhor de aprendizagem; os paradigmas tradicionais não sanam as múltiplas demandas de uma classe escolar, principalmente, porque esse modelo de educação tradicional, prima por uma visão verticalizada referente a posição do professor, com sua autoridade e sabedoria enaltecida, sobre os estudantes; “Educação deve fundamentar a capacidade de produzir e participar, não restringir-se ao discípulo, que ouve, toma nota, faz prova, copia, sobretudo “cola”.” (DEMO, 2004, p.131).

O objetivo principal é analisar e produzir material didático de geografia sobre a Baixada Fluminense no processo formativo de licenciandos em Pedagogia e Geografia do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

➤ METODOLOGIA

A metodologia é de cunho qualitativo. Analisa o conceito de inovação e prática docente, tendo como aporte teórico de autores que discutem essa temática e sobre o ensino de geografia no contexto da formação inicial docente. A pesquisa tem como base de realização o Laboratório Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão do IM/UFRRJ e os cursos de licenciatura em Pedagogia e em Geografia nas disciplinas de ensino de geografia da mesma instituição.



➤ RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dessa maneira, como forma de inovação pedagógica, o Fanzine é um veículo informativo, usado para despertar o interesse cognitivo do aluno sobre sua própria região e localidade de residência e vivência, onde tanto o aluno quanto o professor têm a oportunidade de compartilhar um ambiente de troca e interação, e o desenvolvimento fundamental das habilidades de ensinar e aprender.

É necessário que os professores não utilizem somente os recursos oferecidos pela escola, mas que busquem também, inovações para aprimorar a aprendizagem do aluno, como por exemplo, o fanzine. (LÔBO; MELO, 2014, p.4)

A Produção de um Fanzine proposta para os alunos como método de ensino e inovação, amplia o senso da imaginação e colabora para o progresso da satisfação na aquisição do conhecimento.

Ainda que as circunstâncias atuais acabem mudando a forma prática como ele é elaborado, e papel e cola sejam trocados por uma prática mais digitalizada, o Fanzine ainda consegue, em sua essência, ser fonte de muita interação entre os alunos, e de conexão do educando com o meio geográfico em que ele está inserido, contribuindo para além do conhecimento, a construção da própria identidade.

Tendo em vista que através dele o aluno pode mostrar onde nasceu e cresceu, a forma como vê a própria comunidade, se orgulhar da evolução do lugar, denunciar alguns problemas sociais e até mesmo ajudar na construção de sua autoestima.

A maquete é umas das fôrmas que darão forma à construção cognitiva dos estudantes, seja em sala de aula, seja fora dos muros da escola. É através dela que o professor é convidado a despir-se de sua glória, ou seja, de posição elevada sobre a classe, para, quiçá, sujar-se de tinta, isopor e demais materiais utilizados. É nesse instante descontraído que o discente percebe que a escola tem o seu lado bom e divertido, até mesmo no momento de aprender. Esses estudantes percebem que a escola não é um quartel general onde cada passo da aula é ditada por um sistema que controla cada movimento do professor e dos discípulos; mesmo assim, é preocupante saber que a autonomia dos professores está em risco, posto que, os novos documentos que regulamentam o ensino, buscam frear/ erradicar à liberdade dos docentes, referente aos conteúdos abordados em cada disciplina. Isso sepulta às possíveis inovações pedagógicas que poderiam ser entronizadas pelos mentores, como as maquetes, por exemplo, que seriam introduzidas como ferramentas que aguçam diversas esferas cognitivas do alunado.

É pela construção de maquetes que os educandos passam a criar com as próprias mãos a materialização espacial de macro escala, para microescala. É nessa construção que as aulas expositivas dos preletores passam a ter sentido, porque a maquete se torna a incorporação física do saber oral. Os aprendentes passam a desvelar à confusão da dicotomia bidimensional e tridimensional do espaço terrestre. Eles melhoram suas noções de escala e de projeções 2D e 3D. Os



aprendizes podem a partir das maquetes, identificar de forma palpável os tipos de relevos que estiverem presentes nas maquetes, entretanto, eles poderão identificar: bacias hidrográficas, planaltos, entre tantas outras coisas que podem ser identificadas em uma maquete. A parte principal que interessa e cabe à geografia, não é a decoreba dessas listas e saberes pontuais na esfera humana e natural, e sim, o inter-relacionamento entre todos esses fatores usando de um pensamento crítico sobre os causadores/ geradores dos diversos problemas sociais/ ambientais que se vivenciam na presente contemporaneidade:

A construção de maquetes em sala de aula torna-se uma prática didática no ensino-aprendizagem importante, pois contribui para que através da ação, o aluno compreenda gradativamente as particularidades da linguagem cartográfica: a visão vertical e horizontal, a seleção de dados importantes, codificação através de legendas e a redução da realidade (ajudando a desenvolver a ideia de escala). (ALMEIDA; ZACHARIAS, 2007, p. 66).

Muitos preceptores têm dificuldades de dar sentido aos ensinamentos ministrados, e os aprendizes acabam não conseguindo discernir o conhecimento construído em aula; isso acontece porque a cognição do alunado não conseguiu transportar o abstrato para o concreto, a oralidade para a materialidade; e como diz KIMURA sobre “instrumentos práticos colocados à disposição dos alunos,” as maquetes podem ser um desses “instrumentos” “esclarecedores da realidade objetiva,” que é de suma importância para a formação dos aprendentes:

➤ CONSIDERAÇÕES FINAIS

Repensar a prática docente a partir da construção de material didático sobre a Baixada Fluminense é fundamental para uma formação de professores alicerçada em bases sólidas e comprometidas com a função social da Educação Pública, propiciando a construção de maquetes geográficas e a produção de fanzines dos bairros dos municípios da Baixada Fluminense rumo à Educação emancipadora.

➤ REFERÊNCIAS

AGUIAR, B. R. de *et al.* A produção de fanzines como recurso pedagógico no ensino de geografia. **Anais**. X Fórum Nacional NEPEG: de formação de professores de geografia, 2019, p. 1-8, 2019.

ALMEIDA, S.P.; ZACHARIAS, A. A. A Leitura da Nova Proposta de Relevo Brasileiro Através da Construção de Maquete: O Aluno do Ensino Fundamental e Suas Dificuldades. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, 2 (1): 53-73, junho 2007 (ISSN 1678-698X) - Disponível em: <www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm>. Acesso em: 22 de out. 2021.

DEMO, P. **Desafios Modernos da Educação**. 13ª edição. Petrópolis: Editora Vozes LTDA, 2004.

LÔBO, D. F. V.; MELO, E. M. O. Planejando contingências de ensino: o fanzine como ferramenta pedagógica. **Anais**. VI Encontro de Práticas Docentes, Fortaleza, p. 1-11, 2014.